Cessar-fogo Acordo foi conseguido, mas rebeldes falam em separação. A Rússia quer continuar a influenciar o país. Mas porquê?

Uma questão do espaço pós-soviético

Acordo revela ascendente russo

OS ÚLTIMOS MESES NA UCRÂNIA

16 MARCO

Referendo na Crimeia decide integração na Federação Russa, com 97% dos votos a favor. Dois dias depois, Vladimir Putin assina a anexação da região.

22 ARRII

O Presidente ucraniano interino, Olexander Turchynov, ordena operações militares contra os militantes pró-russos, depois de estes terem protagonizado momentos de violência na região do leste.

25 MAIO

Eleições presidenciais na Ucrânia dão a vitória a Petro Poroshenko. A maior parte das assembleias de voto no leste não abrem. Conflito militar

25 IUNHO

Início de cessar-fogo proposto por Poroshenko. Dura uma semana

Ucrânia assina acordo de associação com União Europeia.

17 IULHO

Avião da Malaysia Airlines cai em território ucraniano, provavelmente

30 IULHO

UE aplica sanções económicas fortes à Rússia. Rússia responde com embargo a todas as importações europeias

22 AGOSTO

Comboio humanitário russo entra em território ucraniano sem autorização.

27-28 AGOSTO

Rebeldes abrem novo corredor e conquistam Novoazovsk, perto do mar de Azov. Poroshenko acusa Rússia de enviar tropas e de ter levado a cabo uma invasão.

Vladimir Putin fala na importância de discutir "o Estado" no leste ucraniano

3 SETEMBRO

Putin apresenta um plano de paz para a região. No dia seguinte, Poroshenko admite assiná-lo e começar um cessar-fogo.

Texto CÁTIA BRUNO

epois de uma semana de avanços e recuos na Ucrânia, Petro Poroshenko acabou por chegar a acordo com os separatistas na sexta-feira, enquanto decorria a cimeira da NATO. As negociações continuam, já que os ucranianos querem discutir o plano de paz proposto pelo Presidente russo, Vladimir Putin

Os rebeldes são claros: "Preten-demos continuar a nossa política de separação", declarou Igor Plotnitsky, líder da autoproclamada República de Lugansk, após assinar o cessar-fogo. O Presidente Poroshenko garantiu que o acordo permite manter a integridade territorial ucraniana, mas diz ter aceitado um certo grau de descentralização para a região. Na manhã do cessar-fogo, o correspondente do jornal "The Telegraph" em Moscovo, Roland Oliphant, explicava que há quem receie que Putin use a sua influência para "'congelar' o conflito, criando uma região autónoma no leste da Ucrânia que dependa do apadrinhamento russo'

Para perceber o interesse de Putin no território ucraniano é preciso recuar ao fim da Guerra Fria. Enquanto o Pacto de Varsóvia foi desmantelado com o fim do conflito, a NATO (cuja principal missão sempre tinha sido a de defender a Europa da ameaça soviética) não só continuou a existir nos mesmo moldes, como se foi expandindo para Leste. Olhando para o desenho da Europa (ver mapa), é visível o alargamento para as regiões que a Rússia sempre considerou, desde os tempos do czarismo, como sua zona de influência Atualmente, só seis das ex-repúblicas soviéticas europeias não são membros da NATO: Moldova, Bielorrússia, Ucrânia, Geórgia, Arménia e Azerbaijão. A Ucrânia discute agora a adesão à organização e, na cimeira desta semana, a NATO ofereceu parcerias à Geórgia e à Moldova.

A situação influencia o estado de espírito russo, como explica ao Expresso Tiago Ferreira Lopes, investigador do Instituto do Oriente: "Existe um momento de exacerbação identitária após o trauma dos anos 1990, durante os quais o Ocidente pedante e arrogante olhou para a Rússia como a derrotada da Guerra Fria e como a antítese do mundo moderno."

A atuação russa na Ucrânia, invo-

cando a defesa dos desejos populares, tem paralelos com a ação na guerra da Geórgia, de 2008. "A vontade ge-orgiana de viragem a ocidente, com a 'revolução rosa' a marcar este percurso, foi entendida na Rússia com desconfiança", explica ao Expresso Maria Raquel Freire, investigadora do Centro de Estudos Sociais. Para impedir uma aproximação ao Ocidente, a Rússia decidiu intervir militarmente na Geórgia invocando o argumento da defesa da independência da Abecásia e da Ossétia do Sul. A situação tem paralelos com a tomada da Crimeia: tanto na Ucrânia como na Geórgia houve um envolvimento militar para defender os sootechestvenniki (compatriotas). Ainda na semana passada Putin dizia que ucranianos e russos são "praticamente o mesmo povo.

Um "paradoxo evidente"

Isso não significa que a Rússia respeite o direito à autonomia de todos os gru-pos étnicos nas suas fronteiras. "Existe um paradoxo evidente", diz Tiago Lo-pes. "O Cáucaso Norte tem uma série de grupos étnicos que pugnam por um desejo de autonomia alargada ou total soberania. Apesar do caso tchetcheno ser o mais mediatizado, está longe de ser o único", realça o investigador, destacando os circasses, os carachaios-balcares e grupos do Daguestão. Raquel Freire explica a contradição dizendo de potência soberanista" da Rússia É essa postura que tem levado ao esmagamento dos movimentos separatistas no Cáucaso Norte, onde a Tchetchénia é o caso mais mediático. Esta semana assinalaram-se os dez anos do sequestro da escola de Beslan, em que separatistas tchetchenos ocuparam uma escola na Ossétia do Norte e ten-taram negociar a libertação de reféns em troca da independência. O evento 'traumático" para a Rússia, segundo Lopes, pois provou que o Cáucaso Norte — uma região importante para Putin, que chegou ao poder graças ao seu sucesso na segunda guerra russo--tchetchena - é uma situação ainda não controlada. No final de 2013, o espectro do terrorismo da região voltou, com os ataques em Volgogrado a pro-

ência mais direta de Moscovo, outro estão divididos. A Moldova atravessa uma situação semelhante à da Ucrânia, tendo assinado um acordo de associação com a União Europeia em finais de junho, razão pela qual Moscovo restringiu as suas importações. O país depende comercial e energeticamente da Rússia e tem uma grande influência cultural, com mais de 300 escolas de língua russa. Em novembro, haverá eleições parlamentares.



Como se não bastasse, o país tem duas regiões relativamente autónomas e mais próximas de Moscovo. São a Transnístria, com um estatuto especial legal concedido pelo Governo, e a região autónoma da Gagáuzia. A primeira tem mais de mil tropas russas estacionadas no seu terreno e pediu uma anexação semelhante à da Crimeia em março; os líderes da segunda, bem mais pequena, criticam o acordo de associação com a UE e preferem uma ligação à Rússia.

Várias vezes foi levantada a questão ao longo dos últimos meses se a Transnístria seria o próximo passo num curso revisionista com carácter expansi-onista russo", explica Raquel Freire. "Este cenário parece-me exagerado e, desde que Moscovo mantenha a sua influência na região, ou seja, sem ameaça de alteração do *statu quo*, isso será o bastante para que a situação se mantenha sem alterações de maior". Apesar de tudo, os especialistas contactados pelo Expresso consideram que se deve manter elevada a atenção à região. Uma major aproximação ao Ocidente, como a oferecida pela NATO na passada sexta-feira, pode alterar por completo o xadrez da Euro-pa pós-soviética, tal como aconteceu na Ucrânia.

cbruno@expresso.impresa.pt



